

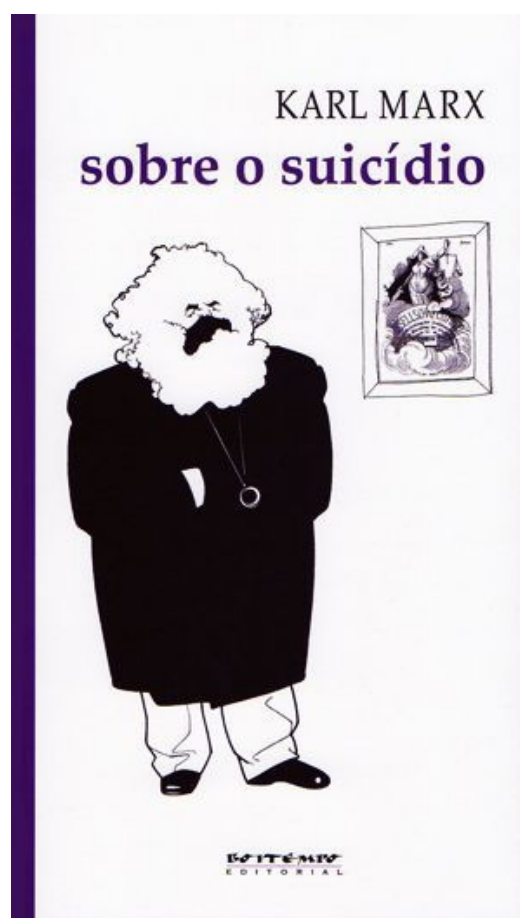
Karl Marx: sobre o suicídio

ANTONIO OZAÍ DA SILVA*

para Ana

Em 1897, Émile Durkheim, um dos fundadores da Sociologia, publicou a obra *O suicídio: estudo de sociologia*. Tornou-se um dos clássicos sociológicos. Durkheim analisa os vínculos entre indivíduos e sociedade e conclui que o suicídio não se explica apenas pelos aspectos individuais e psicológicos, mas que resulta do meio social. Dessa forma, o autor desloca a análise para a sociedade e as conexões com o indivíduo. As causas do suicídio não estão, portanto, nos indivíduos – e no que eles declaram no momento desesperado em que abraçam a morte. Para o sociólogo francês, o indivíduo sucumbe à tendência suicidogênea disseminada na sociedade enquanto um estado geral, isto é, como um fator exterior aos indivíduos e independentes deles. Este estudo sociológico sobre o suicídio tornou-se referência.

Em geral, a obra de Durkheim está entre as indicações de leitura nos cursos de Ciências Sociais e outros nas Ciências Humanas. Lógico, também são indicadas as principais obras de Karl Marx. Mas, dificilmente o ensaio “Peuchet: vom Selbstmord”, publicado em janeiro de 1846 no *Gesellschaftsspiegel* (“espelho da sociedade”), estará entre as mais conhecidas do autor alemão.



Publicado no Brasil pela Boitempo, “Peuchet: vom Selbstmord”, como esclarece Michael Löwy na introdução, foi composto a partir “de passagens traduzidas para o alemão de *Du suicide et des ses causes*, um capítulo das memórias de Jacques Peuchet”, diretor dos Arquivos da Polícia sob o período da Restauração (In MARX: 2006, p.13). Não é uma obra escrita pelo próprio Marx, mas excertos traduzidos ao

idioma alemão, ou seja, notas de leitura. Pode, então, ser considerado parte integrante da obra de Karl Marx? A resposta de Michael Löwy é afirmativa, pois,

“Além de havê-lo assinado, Marx imprimiu sua marca ao documento de várias maneiras: na introdução escrita por ele, na seleção dos excertos, nas modificações introduzidas pela tradução e nos comentários com que temperou o documento. Mas a principal razão pela qual essa peça pode ser considerada expressão das idéias de Marx é que ele não introduz qualquer distinção entre seus próprios comentários e os excertos de Peuchet, de modo que o conjunto do documento aparece como um escrito homogêneo, assinado por Karl Marx” (Id., p.14).

Estes esclarecimentos são necessários para situar o leitor e a leitura da obra. Com efeito, trata-se de um tema incomum no conjunto da obra do autor alemão que influenciou – e influencia – gerações e revoluções. Os livros também têm história! Estamos diante de um “Marx insólito”, distante do autor que habitualmente identificamos aos textos econômicos, políticos, históricos e sociológicos. Em *Sobre o suicídio*, Marx mostra-se mais próximo e atento a um assunto da vida privada em sua complexidade e tragicidade. Outro aspecto que merece destaque, como assinala Löwy, é que “a principal questão social discutida em relação ao suicídio é a opressão das mulheres nas sociedades modernas” (Id.):

“Três dos quatro casos de suicídio mencionados nos excertos se referem a mulheres vítimas do patriarcado ou, nas palavras de Peuchet/Marx, da *tiranía familiar*, uma forma de poder arbitrário que não foi derrubada pela Revolução Francesa. Entre elas, duas são

mulheres “burguesas” e a outra de origem popular, filha de um alfaiate. Mas o destino delas fora selado mais pelo seu gênero do que por sua classe social” (Id., p. 18).

Ivana Jinkings, na apresentação, observa que ao escrever este ensaio Marx “antecipa temas como o direito ao aborto, o feminismo e a opressão familiar na sociedade capitalista” (Id., p. 11). De fato, os relatos sobre a jovem filha de um alfaiate, prometida em casamento a um açougueiro, que, envergonhada ao ser humilhada pelos pais, decide dar um fim à própria vida; sobre a esposa mantida como prisioneira pelo marido; e da jovem que carrega em seu corpo o filho do próprio tio e que, diante da recusa do médico em fazer o aborto, dá cabo à sua vida e à da que se desenvolve em seu ventre; tais casos, relatados por Peuchet/Marx, expressam dramas vividos por mulheres oprimidas, independente das classes sociais às quais pertencem.

A autoridade patriarcal, fundada na tradição, revela-se a causa de infortúnios, sofrimentos e dores que, no extremo, induz ao suicídio. **“As pessoas mais covardes”**, escreve Peuchet/Marx, “as mais incapazes de se contrapor, **tornam-se intolerantes assim que podem lançar mão de sua autoridade absoluta de pessoas mais velhas**” (grifos no original, id., p. 32).

Em outro caso, a intolerância do poder masculino mostra-se na tentativa de manter o outro enquanto *objeto de posse*, isto é, propriedade. Cego em seu ciúme¹, o marido condena a esposa “à mais insuportável escravidão”. E o sr, Von M...

¹ “O ciúme se nutre das coisas mais insignificantes: quando não sabe mais em que se agarrar, consome a si mesmo e torna-se engenhoso; tudo lhe serve de alimento” (MARX: 2006, p. 36)

“podia praticá-la apenas por estar amparado pelo Código Civil e pelo direito de propriedade, protegido por uma situação social que torna o amor independente dos livres sentimentos dos amantes e autoriza o marido ciumento a andar por aí com sua mulher acorrentada como o avarento com seu cofre, pois ela representa apenas parte de seu inventário” (Id., p. 37).

Muitas vezes, a palavra *suicídio* é apenas outro nome para *assassinato*. O ato suicida tem um móbil. Eis o caso: foram as ações do marido que levaram a jovem esposa à decisão de matar-se. Como escreve Peuchet/Marx:

“Certamente, para todos aqueles que não reduzem o espírito pleno das palavras às letras que as formam, esse suicídio foi um *assassinato*, praticado pelo esposo; mas foi também o resultado de uma extraordinária vertigem de ciúme. O ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; o ciumento é antes de tudo um proprietário privado” (Id., p.41).

Há quem culpe o suicida e condene o ato como antinatural. Peuchet/Marx rejeitam esta acusação:

“Antes de tudo, é um absurdo considerar antinatural um comportamento que se consuma com tanta frequência; o suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está na natureza da nossa sociedade gerar muitos suicídios...” (Id., p. 25).

Outros condenam o ato suicida taxando-o de covardia, imputam-no o caráter de crime contra a sociedade e a Providência. E, no entanto, como explicar que “apesar de tantos anátemas,

o homem se mate?” (Id., 26). Por quê? Quando a vida se torna insuportável ou sem sentido e perdem-se as esperanças, o suicídio se apresenta como o último recurso.

As causas do suicídio são diversas. Podem ser, inclusive, econômicas. Peuchet/Marx relata o caso de um homem que se viu desempregado e não conseguia novo emprego. Diante da situação, ele

“Caiu num profundo desânimo e se matou. Em seu bolso, foram encontradas uma carta e informações sobre suas relações pessoais. Sua mulher era uma pobre costureira; suas duas filhas, de dezesseis e dezoito anos, trabalhavam com ela. *Tarnau*, nosso suicida, dizia nos papéis que deixou “que, não podendo mais ser útil a sua família, e sendo forçado a viver à custa da mulher e de seus filhos (*sic*), achava que era sua obrigação privar-se da vida para aliviá-los dessa sobrecarga” (Id., p.49).

É necessário tentar compreender. O suicídio revela a fragilidade das relações humanas, põe a nu o quanto desconhecemos o humano. “*O Homem parece um mistério para o Homem; sabe-se apenas censurá-lo, mas não o conhece*” (Id., p.26). O suicídio nos joga na cara a superficialidade das relações humanas numa sociedade cada vez mais individualista. De certa maneira, também somos responsáveis perante o suicida. Afinal, ele é um ser social e seus motivos podem não ser meramente individuais. Precisamos pensar se e em que medida a sociedade contribui para isto.

Ao que parece, o suicida nos pega de surpresa. Daí a perplexidade e a pergunta que martela na mente: por quê? Mas não temos a resposta, talvez jamais a tenhamos. Pois, ainda que os

motivos sejam racionalizados, a atitude suicida nos lança diante do imponderável, do inatingível. Ainda que razão tente compreender e, quiçá, até mesmo justificar, é difícil aceitar.

Nestas circunstâncias, a morte parece lançar uma espécie de culpa, por sermos incapazes de evitá-la. O que poderia ter sido feito? Teria sido possível ajudá-la a salvá-la de si mesma? Como? O tempo, porém, não volta atrás e é impossível responder a tais questões. O suicídio revela a nossa impotência, mas nos questiona sobre os mistérios da vida e da morte, do humano demasiado humano.

Apesar da condenação moral e religiosa, da tagarelice de uns e dos sentimentos de culpa de outros, o suicídio permanece sendo um desafio à compreensão humana. E como é difícil compreender! De certa forma, morremos um pouco com o suicida, sua morte nos atinge diretamente e nunca mais somos os mesmos. Uma das reações possíveis é acusá-lo, procurar motivos para culpá-lo. É inútil e injusto:

“Que importam à criatura que deseja escapar do mundo as injúrias que o mundo promete a seu cadáver? Ela vê nisso apenas uma covardia a mais da parte dos vivos. *Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo*

implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevêê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens” (Id., p. 28).

O indivíduo vive em sociedade, é um ser social. Ainda que levemos em conta os fatores psicológicos individuais, as motivações para o suicídio não estão apenas no indivíduo. É interessante como a análise de Peuchet/Marx é semelhante à de Émile Durkheim, na medida em que enfatiza os aspectos sociais, o contexto, o ambiente social e os valores que os fundamentam. “A classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos da nossa sociedade”, afirma Peuchet/Marx (Id., p. 44).

Os fundamentos do comportamento suicida estão na sociedade, ou mais precisamente, na complexidade dialética da relação indivíduo-sociedade. É preciso, sobretudo, tentar entender. Como escreve Peuchet/Marx, “Não é com insultos aos mortos que se enfrenta uma questão tão controversa” (Id.p.25).

Referências

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

* **ANTONIO OZAÍ DA SILVA** é professor de Sociologia e Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM); Mestre em Ciência Política (PUC/SP) e Doutor em Educação (USP). Blog: <http://antoniozai.wordpress.com>